

# **Mediadores e Mediadoras do Projeto Roma: Como “fazer pontes” cognitivas entre os contextos?**

## **O PAPEL DAS MEDIADORAS E DOS MEDIADORES NO PROJETO ROMA.**

A pessoa mediadora, como facilitadora da aprendizagem nos contextos familiar, escolar e social, é o elo ou ponte de informação e união entre estes contextos. Se pretende criar espaços de reflexão conjunta para produzir a melhora qualitativa de tais contextos, sendo o trabalho cooperativo a cultura que impera no Projeto Roma.

A função, como bem descreve a palavra, é a da pessoa que media entre os pais, a escola e o Projeto Roma. Tentamos que nosso trabalho principal consista em que as mães e pais, o restante dos familiares, professores e todas aquelas pessoas envolvidas educativamente com nossos meninos e meninas, tenha a consciência de que a finalidade do Projeto Roma é *ensinar estratégias cognitivas*.

O papel do mediador tem avançado progressivamente. No início éramos mais orientadores que outra coisa; orientávamos à família em certos temas; agora intervimos e trabalhamos com ela e com o menino ou a menina, não como professor particular, mas sim observando nossas atitudes, podendo estabelecer um diálogo sobre as aprendizagens mais significativas e a maneira de abordá-las, criando novas estratégias de aprendizagem em função da demanda dos pais e professores.

No âmbito familiar, o mediador ou mediadora convida pais e mães para analisar diversas situações, além disso lhes estimulam para que aumentem os envolvimentos em cada situação e contexto e que as diferentes intervenções de seu filho/ filha sejam mais fundamentadas numa recapacitação comum através de experiências quotidianas, sobre as que antes não se havia pensado, valorizando desta forma seu poder educativo. Muitos dos assessoramentos que se costumam fazer em casa são para a resolução dos problemas diários, propiciando a cada um dos meninos e meninas sua própria autonomia e o aumento progressivo de sua responsabilidade no lar. Resumindo, tentamos ajudar com que a filosofia do Projeto Roma se concretize, embora são eles e elas, muitas vezes, que nos apoiam de cara a entender e valorizar esta filosofia e prosseguir com ela.

Desta consciência que se despertou nos pais, como agentes fundamentais na educação de seus filhos e filhas, o Projeto, e em parte através de nossa ação mediadora, lhes tem inspirado confiança e tem modificado suas atitudes em relação a sua capacidade como educadores, assim como em relação à capacidade como aprendizes de seus filhos/ filhas e tem feito que eles mesmos, empapados desta nova filosofia, desenvolvam constantemente novas estratégias de intervenção educativa em contextos naturais, contribuindo, assim, para seu desenvolvimento como pessoas e como pais.

Temos permanecido atentos às demandas das pessoas implicadas e responsabilidades da educação de meninos/ meninas, para apoiar e guiar o desenvolvimento e aplicação de “estratégias para aprender a aprender”, com uma finalidade sempre presente: que se façam competentes para desenvolver-se de forma adequada e autônoma nos distintos hábitos, casa,

escola, bairro, etc., tanto no momento atual como no futuro que previsivelmente tem que escolher.

No contexto social, lhes estimula provocar situações nas quais se dêem relações com as pessoas ao seu redor e que saibam desenvolver-se de forma espontânea em um contexto que irá, progressivamente, se abrindo desde o mais próximo até outros cada vez mais amplos.

No contexto escolar, o papel do mediador consiste em manter uma relação constante, tentando que o discurso e a metodologia do Projeto penetre nos docentes e na instituição escolar e que se inclua no currículo comum, dando uma assistência no desenvolvimento dos processos de atenção, processamento, planejamento e na resolução de problemas da vida quotidiana. Tem-se tentado introduzir o Projeto para que, pouco a pouco, sejam produzidas mudanças, mudanças que não somente favoreçam aos alunos e alunas com hándcap, mas que transformarão a prática educativa produzindo-se uma melhora da mesma para todos e todas as alunas e alunos dos centros. Com este modo de trabalho, pensamos que a escola como organização social e a própria sociedade melhorarão em qualidade de vida, pois o que se pretende com o Projeto é conhecer, compreender e transformar os referencias da escola atual, buscando uma escola de qualidade. Não é um Projeto exclusivamente para pessoas com Síndrome de Down, e sim um projeto com a intenção de criar uma nova escola.

Na maioria de nossos casos, esta mensagem não tinha tido muito eco, talvez por falsos temores ou por um convencimento de antemão, tanto na competência cognitiva das pessoas com Síndrome de Down como na necessidade da mudança da prática educativa até uma educação que atenda a todos e cada um dos alunos e alunas diferentes que constituem nossos centros educativos, buscando uma escola que parta das desigualdades e não das igualdades entre seres humanos, uma escola compreensiva e não seletiva. Embora não se tenham conseguido grandes lucros na maioria dos nossos casos neste contexto, pelo menos, se tem tentado e de fato alguma mudança se tem conseguido.

Algumas das dificuldades que nós encontramos é que em numerosas ocasiões não nos faz nenhuma demanda por parte do centro educativo ou da família, ainda quando se pode pressupor a existência de algum outro problema. Neste caso, o que se costuma fazer é provocar tal demanda propondo nos diálogos pontos temáticos nos quais previsivelmente podem surgir conflitos. Outra das grandes dificuldades que a maioria das pessoas mediadoras encontram é que o contexto escolar, no geral, tem se mostrado muito fechado. Embora que tenha se comentado aos professores que supunham um benefício para sua própria prática educativa e que não envolvia nenhuma imposição nem carga emocional na sua tarefa educativa, são captados, freqüentemente, certos temores e receios, e a desculpa de pouca disponibilidade de tempo é encontrada em muitas ocasiões. Nós queremos desempenhar um papel afetivo e emocional, tentando inculcar nos pais e professores confiança e segurança para enfrentar a educação dos meninos e meninas, e que desfrutem de seu desempenho.

No âmbito familiar, em geral, sempre esteve bastante aberto a nossa intervenção, do modo que se tem trabalhado melhor neste contexto e através deste trabalhado o contexto social, contexto, este, mais difícil e mais enriquecedor, já que por um lado garantia um menor grau de controle por parte dos pais e mães, mas por outro, garantia processos que envolviam um maior desenvolvimento da autonomia de seus filhos e filhas.

Um dos grandes ganhos tem sido a criação de recursos alternativos com a família, tanto em relação a um melhor desenvolvimento cognitivo como também no referente às relações sociais e ao desenvolvimento da autonomia.

*Relação com os pais.*

Poderíamos englobar os seguintes compartimentos:

- a) No início, tínhamos pouca segurança no nosso trabalho e como atuar, coisa que se transmitiu aos pais e profissionais. Graças ao Projeto e amigos, temos nos envolvido cada vez mais, obtendo uma relação mais próxima. Temos uma maior segurança e acreditamos no que fazemos com muita ilusão, embora sempre temos que continuar investigando e nos informando, abertos à todos tipos de possibilidades.
- b) Outro dos sentimentos dentro da relação com os pais é que ao nos incorporarmos, nos parece que eles sabem de tudo e que nós não podemos contribuir com nada. Mas pouco a pouco, temos ido intercambiando roles, "todos temos que aprender de todos", não existe ninguém que tenha a verdade absoluta, trocando conhecimentos chegaremos ao longe.
- c) Havia uma grande distância entre os pais e o mediador, já que havia um grande respeito entre nós. Alguns pensam que o mediador é imprescindível e que não se pode continuar sem ele, porque somos os que possuem o conhecimento. Mas felizmente, o trabalho diário com seus filhos, lhes tem proporcionado mais segurança e confiança neles mesmos, propiciando assim sua atuação.

Em geral, aprendemos muito dos pais em relação a sua dinâmica de trabalho em casa. Tudo isso não está em textos, e sim à nossa volta, temos que aproveitar as situações que nos oferece a vida cotidiana e transformá-las em educativas para uma melhor relação e entendimento em nosso contexto e desenvolvimento pleno nas atividades diárias, tomando o ambiente como laboratório.

Temos desempenhado o papel de intermediários entre os coordenadores da investigação e os pais, tentando proporcionar uma visão mais objetiva que a dos próprios pais, sobre o desenvolvimento de seus filhos/ filhas, dificuldades, a aplicação dos distintos projetos encaminhados até a melhora dos déficits sócio - cognitivos e informado sobre a complexidade dos contextos familiar e escolar.

Pensamos que se tem conseguido satisfazer as demandas dos pais e mães refletindo e tratando de maneira conjunta o que seria mais conveniente em cada situação. Embora em outras ocasiões, estas tratavam sobre o contexto escolar e tem sido difícil ou impossível, a não dar a este contexto muitas oportunidades para tentá-lo ou conseguí-lo. Às vezes, no contexto familiar e social tem-se podido delinear as necessidades delineadas, ao se produzir contra - indicações nos mesmos pais ou mães; por exemplo: é muito comum querer que um filho ou filha seja autônomo ou autônoma, mas, por outro lado, é maior o medo de deixar-lhe sair para qualquer lugar ou deixar-lhe que vista desta ou daquela maneira.

As pessoas mediadoras, de certo modo, contribuem para abrir espaços para melhorar a educação familiar ao fomentar o convencimento por parte da família na competência cognitiva das pessoas com Síndrome de Down e ao verificar, junto aos membros da família, muitos processos que acreditavam que não iam conseguir abordar com seus filhos e filhas. Tratamos de convencer-lhes de que qualquer situação cotidiana é aproveitável para a educação e para a satisfação desta ou daquela demanda, sem ter que recorrer à técnicas terapêuticas.

Pretendemos que se considere a pessoa com Síndrome de Down, como um filho ou filha mais que, portanto, tem que assumir responsabilidades como qualquer outro membro da família. Deste modo, tentamos fazer que os pais e mães vejam que a linguagem é fundamental como veículo socializador e de desenvolvimento cognitivo, que tem que deixar fazer a menina ou o menino e que, de antemão, não podemos julgar sem provocar esta ou aquela experiência. Que

são seus filhos e filhas e que se tem que envolver eles e elas primeiro como pais e mães, já que é enorme a importância de seu papel no processo de aprendizagem de seus filhos e filhas.

Em relação à nossa contribuição da melhora do currículo escolar, temos que destacar alguns aspectos como: o estímulo da consideração do valor dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais por igual. Mesmo assim, normalmente, se tem dado muito mais importância aos conceituais, deteriorando os procedimentais e atitudinais. O Projeto Roma se baseia na idéia de que é muito melhor realizar uma meta - aprendizagem que te leva a uma mudança de atitudes em vez de acumular conceitos como se se tratasse de uma enciclopédia.

A consideração da importância de ensinar a pensar e a proceder para que se produza uma maior generalização a outras novas situações, acima do acúmulo de conceitos concretos ou a realização, de forma perfeccionista, de tarefas ou temas fixos. É muito mais importante o processo do que os resultados.

Além disso, estimulamos a oferta de um mesmo currículo para todos e todas e não a de currículos paralelos que criam uma "subcultura" em palavras de Miguel López Melero, em vez de ajudar na reconstrução de um patrimônio de cultura comum.

Nos contextos familiar e social, nos tem sido permitido alimentar o desenvolvimento da aprendizagem cooperativa. No contexto escolar, do mesmo modo, se tem confundido muitas vezes o estar agrupados com o trabalhar cooperativamente, sendo um abismo o espaço que diferencia estes dois modelos de ensino e aprendizagem.

Do nosso próprio ponto de vista, temos observado que em todos os casos tem havido uma evolução em nossos meninos e meninas, tanto em relação às competências cognitivas produzindo-se uma melhora na linguagem (tanto expressiva como funcional e de nível socializador), assim como em relação à representação mental, de planejamento, de leitura - escrita, de resolução de problemas, de atenção e de memória e de generalização do conhecimento de novas situações que surgem nos diferentes contextos.

Em relação às competências afetivo - sociais, também observamos uma grande evolução em suas condutas tanto em nível social como de assertividade (*saber como conseguir algo*) e, sobretudo, no referente ao desenvolvimento da própria autonomia.

A formação que o Projeto Roma contribui aos mediadores poderia se sintetizar assim: tem ocasionado uma nova filosofia de ensino e uma nova maneira de enfocar a prática educativa; tem dado a oportunidade de ajudar a dar soluções aos problemas com os quais, ainda hoje em dia, as pessoas com Síndrome de Down têm que enfrentar; tem-se visto que se pode aprender de qualquer situação e que não se deve desperdiçá-la; também tem contribuído para que valorizemos, desde o princípio, a leitura - escrita como base de acesso à cultura e a importância de trabalhar os processos de atenção, memória, percepção, etc.

Avaliamos nossa participação no Projeto Roma como uma experiência muito positiva, tanto do ponto de vista pessoal como profissional.

Pessoalmente, nos tem oferecido a oportunidade de progredir em nosso desenvolvimento como pessoa, permitindo fazer-nos participantes e solidários com uma problemática e meta atual, a integração plena na sociedade das pessoas diferentes as quais chamamos de "normais". Sem a intenção de sermos pretenciosos e a pequena escala, nos tem convertido em agentes de troca social, sendo nosso trabalho um êxito total no meio das famílias, em alguns contextos sociais próximos às famílias e não tanto nas instituições, sobretudo a escolar.

O desenvolvimento, aplicação e avaliação do Projeto potencializou em nós o desenvolvimento simultâneo de nossas capacidades de planejamento e reflexão, tornando-nos mais maduros na criação e prática de estratégias aplicadas à resolução de problemas da vida cotidiana.

Também nossa participação no Projeto Roma nos abriu um campo de relações interpessoais de valor incalculável. Estreitou os vínculos com os que já eram nossos amigos, em quase todos os casos, os pais, permitindo-nos um maior conhecimento, admiração e trabalho conjunto. Em relação aos outros mediadores de nosso "Estado", temos iniciado relações de amizade e companheirismo muito enriquecedoras. Com respeito às outras pessoas de outros "Estados" nos têm aberto caminhos que nem suspeitávamos, nos encontrando com pessoas muito diferentes unidas por um projeto comum, nos permitindo falar num mesmo idioma frente a uma mesma problemática. E no que se refere à Universidade, temos sentido-a mais próxima e viva, em contato com a realidade.

Para os profissionais do ensino, temos visto a possibilidade de realizar uma educação e escola ideais, na qual pais, professores e outros envolvidos, possam exercer um trabalho conjunto para conseguir o desenvolvimento máximo da personalidade dos meninos/ meninas, nos constituindo em comunidade educativa onde todos, independentemente de sua realidade, encontram capacidade e igualdade de oportunidades. Por este ideal se tem lutado e agora, através do Projeto Roma, têm encontrado pessoas que participam e vêem sua realização mais possível, apesar das múltiplas dificuldades encontradas.

Em relação à dinâmica de trabalho do grupo de mediadores e mediadoras, se tem baseado, fundamentalmente, em reuniões semanais de cada uma destas pessoas com as famílias de seu caso concreto e, nos casos que têm sido possível, com os professores e professoras nos centros educativos. Nestas reuniões se refletiam conjuntamente sobre o processo e que tentavam dar respostas às demandas surgidas em cada uma das situações e casos concretos. Mesmo assim, é preciso trabalhar junto com os outros mediadores e mediadoras, para estabelecer deste modo uma série de cargos em comum, onde possamos traçar nossos próprios problemas, dúvidas, preocupações e ganhos. Desta maneira, podemos nos ajudar e nos movimentar para seguir adiante com nossos propósitos.

Finalmente, em relação à nossa função, como conseqüência do melhor entendimento da filosofia do Projeto Roma ao longo de sua evolução, tem sido cada vez mais definida.

Em síntese, a pessoa mediadora no Projeto Roma é a ajuda permanente nos contextos familiares e escolares; é a que tem possibilitado através das observações em tais contextos, orientar, organizar e propor alternativas de trabalho (projetos específicos), para que tanto pais e mães, professores e professoras como meninos e meninas, aprendam a aprender.

Estas orientações estão determinadas em função das necessidades dos contextos. Não tem que oferecer nem mais nem menos ajuda que cada contexto determinado precisa. Quero dizer, é um processo de reconstrução permanente no sentido vigotskiano.

Simplesmente, os mediadores e mediadoras são aquelas pessoas que sabem abrir espaços para a aprendizagem e para desenvolver processos que ajudem a resolver problemas de vida cotidiana das pessoas com Síndrome de Down.